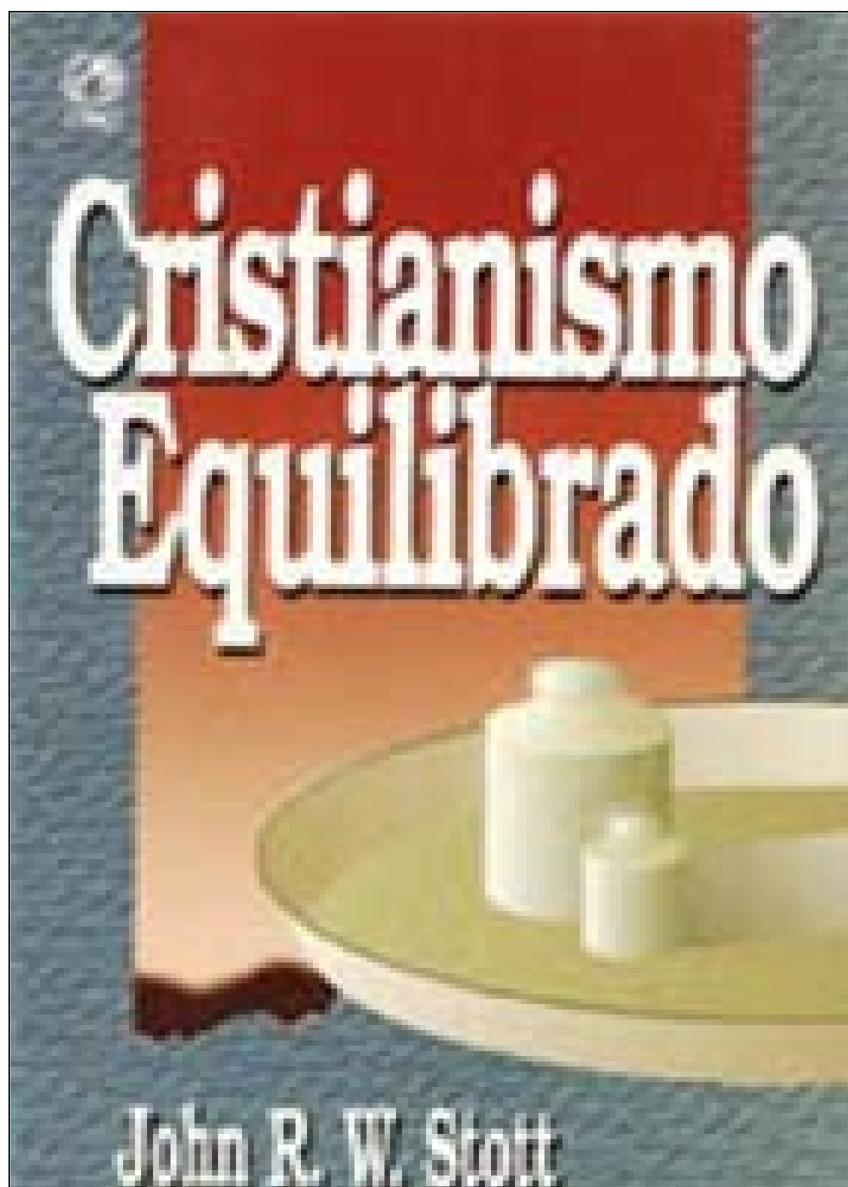
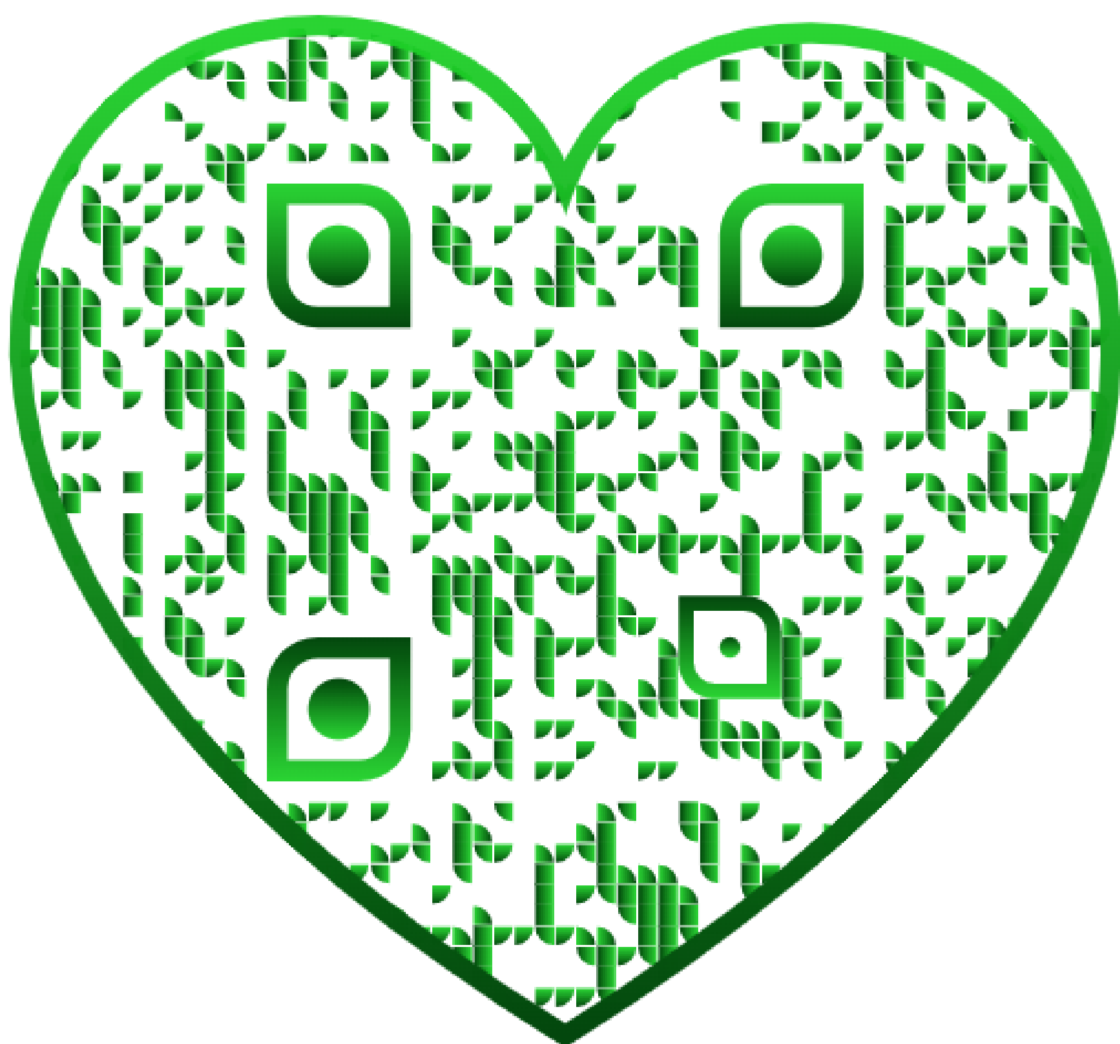


Cristianismo Equilibrado



John R. W. Stott

Editora: CPAD

Conteúdo:

UNIDADE, LIBERDADE E CARIDADE.. 3
INTELECTO E EMOÇÃO... 6
TRADIÇÃO E LIBERDADE.. 13
EVANGELISMO E AÇÃO SOCIAL.. 22

Unidade, Liberdade e Caridade

Minha preocupação é chamar a atenção para uma das grandes tragédias da cristandade contemporânea, que é especialmente visível no meio de todos nós que somos chamados (e, na verdade, é como nós nos chamamos) cristãos evangélicos. Numa única palavra: essa tragédia chama-se polarização. Serei mais específico sobre o que quero dizer.

O pano de fundo para a tragédia é a nossa substancial concordância no histórico cristianismo bíblico. Nossa união nos fundamentos da fé cristã é coisa grande e gloriosa. Cremos em Deus Pai, infinito e pessoal, santo, criador e sustentador do Universo. Cremos em Jesus Cristo, o único Deus-homem; em seu nascimento virginal , em sua vida encarnada, na autoridade do seu ensino, em sua morte expiatória, na sua ressurreição histórica, e em seu retorno pessoal á terra. Cremos no Espírito Santo por cuja inspiração especial as Escrituras foram escritas e por cuja graça pecadores são hoje justificados e nascidos de novo, transformados na imagem de Cristo, incorporados à Igreja e enviados para servir no mundo. Nestas e em outras grandes doutrinas bíblicas, permanecemos firmes pela graça de Deus, e permanecemos juntos.

Contudo, nós não somos unidos. Nós nos separamos uns dos outros por assuntos pouco importantes. Algumas das questões que nos dividem são teológicas; outras temperamentais. Teologicamente, por exemplo, podemos discordar na relação exata entre soberania divina e responsabilidade humana, na"ordem" e ministério pastoral da igreja (se deve ser episcopal, presbiteriano ou independente) e até onde os crentes podem envolver-se numa "mistura" denominacional sem que se comprometam a si mesmos e a fé que professam; nas relações Igreja-Estado; em quem está qualificado para ser batizado e no volume de água a ser usado; em como interpretar profecia, em quais dons espirituais estão disponíveis hoje e quais são os mais importantes. Estas são algumas das questões nas quais crentes igualmente dedicados e bíblicos discordam entre si. São questões que os reformadores chamam de "adiaforia",

questões "indiferentes". Desta forma, embora pretendemos continuar defendendo nossa própria convicção das Escrituras, em conformidade com a luz que nos tem sido dada, procuraremos não pressionar dogmaticamente a consciência de outros crentes, mas tratar a cada um com liberdade, em amor e respeito mútuo. Não se pode fazer coisa melhor do que mencionar o famoso epigrama atribuído a um certo Rupert Meldenius e citado por Richard Baxter. Em coisas essenciais, unidade; nas não-essenciais, liberdade; em todas as coisas, caridade.

Estamos, também, separados uns dos outros temporariamente.

Esquecemo-nos , às vezes , que Deus ama a diversidade e tem criado uma rica profusão de tipos humanos, temperamentos e personalidades. Além disso, o nosso temperamento tem mais influência na nossa teologia do que geralmente imaginamos ou admitimos. Embora a nossa compreensão da verdade bíblica dependa da iluminação do Espírito Santo, ela é inevitavelmente colorida pelo tipo de pessoa que somos, pela época na qual vivemos e pela cultura a que pertencemos. Alguns de nós, por disposição e formação, são mais intelectuais que emocionais; outros, mais emocionais que intelectuais. Repetindo, a disposição mental de muitos é conservadora (detestam mudanças e sentem-se ameaçados), enquanto outros são, por natureza, rebeldes à tradição (o que eles detestam é monotonia, considerando mudança como algo próprio de sua natureza). Questões como estas surgem de diferenças temperamentais básicas. Porém, não devemos permitir que o nosso temperamento nos controle. Pelo contrário, devemos deixar que as Escrituras julguem nossas inclinações naturais de temperamento. Caso contrário, acabaremos por perder o nosso equilíbrio cristão.

O título deste ensaio é "Cristianismo Equilibrado", pois uma das maiores fraquezas que os cristãos (especialmente os evangélicos) manifestam é a tendência para o extremismo ou desequilíbrio. Parece que não existe outro passatempo de que Satanás mais goste do que o de tirar o equilíbrio dos crentes. Embora eu não reivindique qualquer amizade pessoal com ele e nem tampouco qualquer conhecimento

íntimo da sua estratégia, suponho ser este um dos seus hobbis favoritos.

Por “falta de equilíbrio”, entendemos o deleite que sentimos em habitar em uma ou outra das regiões extremas da verdade. Se pudéssemos apoiar-nos em ambos os pólos, simultaneamente, exibiríamos um saudável equilíbrio bíblico. Em lugar disto, tendemos a “cair em extremos”. Como

Abraão e Ló, nos separamos uns dos outros. Empurramos outras pessoas para um pólo, enquanto que o pólo oposto é mantido como nossa propriedade.

Teologicamente falando, ninguém na história da igreja britânica nos preveniu melhor deste perigo do que Charles Simeon, professor do King’s College e pároco da igreja Holy Trinity, em Cambridge, no início do século passado. Considere esta conversa imaginária com o apóstolo Paulo, que ele incluiu numa carta para um amigo em 1825. “A verdade não está no meio e nem no extremo, mas nos dois extremos. Aqui estão dois extremos: calvinismo e armenianismo. - Paulo, como te situas em relação a eles? No meio-termo intermediário? - Não. - Nos extremos? - Não. - Como então? - Nos dois extremos: hoje eu sou um calvinista convicto: amanhã, um convicto armeniano. - Bem, bem, Paulo, compreendo a tua esperteza: vai a Aristóteles e aprende o meio termo intermediário!

Simeon continua: - “Mas, meu irmão, eu sou um desventurado. Primeiramente li Aristóteles e gostei muito; mas, desde que comecei a ler Paulo, tenho captado algo de seus estranhos conceitos, oscilações (não vacilações) de um pólo para o outro. Às vezes, sou um poderoso calvinista e, outras, um débil armeniano. Desta forma, se extremos te deleitarem, sou a pessoa certa para ti; lembra-te somente: não é para um extremo que devemos ir, mas para ambos”- um adágio que Charles Smyth descreveu como “tão naturalmente desconcertante para a mente inglesa”(Memoirs of the Life of the Ver. Charles Simeon, editado por Willian Carus 1847, p. 600. Simeon and Church Order por Charles Smyth, 1940, p. 185).

As palavras de Simeon são sabedoria para hoje. Sejam

nossas polarizações basicamente teológicas ou temperamentais, devemos evitá-las. Meu irmão, permita-me dar quatro exemplos da inutilidade de polarizações desnecessárias, o que será feito nos capítulos seguintes.

INTELECTO E EMOÇÃO

O primeiro exemplo situa-se no campo do intelectual e do emocional. Alguns crentes são tão friamente intelectuais que se questiona serem eles mamíferos de sangue quente, para não dizer seres humanos, ao passo que outros são tão emocionais que se deseja saber se são possuidores de uma porção mínima de massa cinzenta. Eu me sinto constrangido a dizer que o mais perigoso dos dois extremos é o anteintelectualismo de depois a entrega ao emocionalismo. Vemos isto em algumas pregações evangelísticas, que não consistem em outra coisa senão em um apelo para decisão com pouquíssima, ou nenhuma pregação do evangelho e pouca, ou nenhuma, argumentação com o povo a respeito das Escrituras, à maneira dos apóstolos.

A mesma tendência é evidente na atual busca de experiências emocionais, vividas de primeira mão, e na exaltação da experiência como critério da verdade, ao passo que a verdade deveria ser sempre o critério da experiência. O meu receio é que esta tendência seja um legado semicristianizado do existencialismo secular. O que parece Ter filtrado na consciência pública da famosa distinção de Martin Heidegger entre existência "autêntica" e "inautêntica" é que devemos abandonar cada convenção e disciplina e cada estilo de vida imposto que ameace a nossa autenticidade pessoal.

Devemos, acima de tudo, escolher que seremos nós mesmos, pensando e fazendo somente o que nos pareça ser autêntico no momento. À luz deste princípio, tenho ouvido jovens crentes argumentando assim:

"Ninguém pode esperar que eu creia numa doutrina só porque está nas Escrituras; só crerei se a doutrina autenticar-se a mim como verdadeira. Você não pode esperar

que eu vá à igreja, que leia a Bíblia ou que ore só porque estes são deveres cristãos; eu somente posso fazer estas coisas se sentir vontade. E eu não posso, possivelmente, amar o meu próximo (para não dizer o inimigo) só porque sou ordenado a fazer isto, mas somente se o Espírito Santo produzir um relacionamento de amor com o próximo, autêntico e real".

Ao lado da corrente insistência na experiência existencial, segue uma desconfiança, um menosprezo ou intelecto. A fuga da razão é um sinal distintivo da vida secular contemporânea (pelo menos é assim nos Estados Unidos). O professor Richar Hofstadter documentou isto muito bem em seu livro "Anti-intelellectualism in American Life" (Antiintelectualismo na vida americana) (Vintage, 1962). E um impressionante exemplo, recente, pode ser encontrado em Joe McGinness, quando, sob o título "The Selling of the President 1968" (A Venda do Presidente, 1968), ele relata a campanha eleitoral de Richard Nixon, em 1968. Os organizadores da campanha ficaram convencidos de que Nixon perdera a eleição para Kennedy, em 1960, porque Kennedy tinha uma imagem televisiva bem melhor que a de Nixton. Então, consultaram Marshall McLuham para orientá-los em como fazer com que Nixon se "projetasse eletronicamente", e como transformá-lo de "um advogado seco e sem graça" em um "ser humano afetuoso e animado". "Política"- o professor MacLuham assegurou-lhes - "é apenas uma ciência racional".

"Eleições"- insistiu - "não são ganhas na bancada eleitoral apresentada, mas nas imagens. "Faça os eleitores gostarem da cara do sujeito" e a campanha está virtualmente ganha".

Esta é, naturalmente, uma situação séria, quando uma nação desenvolvida é, então, levada a abdicar de sua responsabilidade política, deixar de debater os assuntos do dia ou formar sua opinião e votar, não pelo que os candidatos são, mas pelo que vulgarmente é chamado de reação "instintiva" aos candidatos. Porém , este tipo de antiintelectualismo é muito mais sério na igreja evangélica, pois a Palavra de Deus ensina que a nossa razão é parte da

imagem divina na qual Deus nos criou. Ele é o Deus racional que nos fez seres racionais e nos deu uma revelação racional. Negar nossa racionalidade é, portanto, negar nossa humanidade, vindo a ser menos do que seres humanos. As Escrituras proíbem que nos comportemos como cavalos e mulas que são “sem entendimento”, e ao contrário, ordenam que sejamos “maduros” em nosso entendimento” Sl. 32:9, I Co. 14:20. De fato, a Bíblia nos diz constantemente que cada área da vida cristã é dependente do uso cristão de nossas mentes. Permita-me dar um exemplo: o exercício da fé. Muitos acham a fé e inteiramente irracional. Mas as escrituras nunca colocam fé e razão uma contra a outra, como sendo incompatíveis.

Pelo contrário, fé somente pode nascer e crescer em nós pelo uso de nossas mentes: “em ti confiarão os que conhecem o teu nome” (Sl 9:10); a confiança deles brota do conhecimento da fidelidade do caráter de Deus. Novamente, em Isaías 26:3: “Tu conservarás em paz aquele cuja mente está firme em ti, porque ele confia em ti”. Aqui, confiar em Deus e manter a mente em Deus são sinônimos e uma perfeita paz é o resultado.

À luz desta ênfase bíblica a respeito do lugar da mente na vida cristã, o que é que devemos dizer para a geração moderna dos antiintelectuais, os emocionais? Sinto muito ter de dizer que eles estão se autoproclamando intensamente, como sendo crentes mundanos.

Pois “mundanismo” não é apenas uma questão (como fui ensinado a acreditar) de fumar, beber e dançar, nem tampouco aquela velha questão sobre embelezar-se, ir a cinemas, usar minissaias, mas o espírito do século. Se absorvemos sem qualquer exame os caprichos do mundo (neste caso, o existencialismo), sem que primeiro sujeitemos isto a uma rigorosa avaliação bíblica, já nos tornamos crentes mundanos.

“Temos como princípio fundamental”, disse Wesley para um dos seus primeiros críticos, “que renunciar o uso da razão é renunciar à religião, que “religião e razão seguem de mãos dadas” e que “toda religião irracional é falsa religião”(citado por R.W. Burtner, R. E. Chiles em “A

Compend of Wesley's Theology", 1954, p. 26).

Sinto-me na obrigação de acrescentar, contudo, que se o antiintelectualismo é perigoso, a polarização oposta é quase igualmente perigosa. Um hiperintelectualismo árido e sem vida, uma preocupação exclusiva com ortodoxia não é cristianismo do Novo Testamento. Não há dúvida de que os crentes primitivos eram profundamente motivados pela experiência de Jesus Cristo. Se o apóstolo Paulo pode escrever sobre a "excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor", e o apóstolo Pedro pode dizer que os crentes "alegram-se com gozo inefável e glorioso" (Fp. 3:8; I Pedro 1:8), ninguém pode facilmente acusá-los de tristonhos ou insensíveis.

A verdade é que Deus nos fez criaturas, tanto emocionais, como racionais. Não somos apenas mamíferos de sangue quente, mas seres humanos, capazes de sentimentos profundos de amor e de ira, de compaixão e de temor. Escrevo sobre isto com convicção pessoal, pois, de alguma forma, diverge da educação que recebi em escola particular da Inglaterra. Não tenho a menor intenção de morder a mão que me alimentou, pois reconheço o quanto devo aos privilégios educacionais que me foram concedidos. Contudo, sinto-me crítico daquela característica distintiva da tradição da escola particular, conhecida como "o lábio superior rígido".

Visto que o primeiro sinal externo de profunda emoção interna é geralmente o tremor do lábio superior, mantê-lo rígido é reprimir as emoções e cultivar as virtudes (mais masculino que feminino, mais anglo-saxão que latino) de coragem, vigor e autocontrole. O que não poderia acontecer era um rapaz chorar em público; choramingo era reservado às moças e crianças. Desde aqueles dias de pré-guerra, contudo, tenho lido o Novo Testamento muitas vezes e descoberto que Jesus não teve o acanhamento de demonstrar suas emoções. Em duas ocasiões diferentes somos informados de que Ele, na realidade, caiu em prantos em público, primeiro ao lado do túmulo de um amigo e, depois, na impenitente Jerusalém. Neste caso, então, Jesus não foi educado no mesmo sistema, da escola particular britânica!

Se é um perigo negar nosso intelecto, é um perigo também negar nossas emoções. Mesmo assim, é o que muitos de nós estamos fazendo.

Alvin Toffer escreve sobre alguns jovens americanos que estão exibindo os sintomas do que ele chama de "choque do futuro". Ele se refere a uma pequena aldeia marítima em Creta, cujas 40 ou 50 cavernas estão ocupadas por "trogloditas americanos, desertores": rapazes e moças que, na maior parte, desistiram de fazer qualquer esforço maior para enfrentar a alta velocidade explosiva das complexidades da vida. Um repórter visitou-os em 1968 e comunicou-lhes a notícia do assassinato de Robert F. Kennedy. Resposta: silêncio: "Nenhum choque, nenhuma emoção, nenhuma lágrima!" É este o novo fenômeno: Desertores dos Estados Unidos e desertores das emoções. Eu compreendo o não-envolvimento, o desencanto e, mesmo o não-comprometimento. Porém, para onde foi todo o sentimento?" (Future Shock, Pan Books 1971, p.331).

Pamela Hansford Johnson, que fez a reportagem dos horrores sádicos dos assassinatos dos "Moors", escreveu que assassinos por lucro ou gratificação são quase sempre destituídos daquilo que os psicólogos chamam de "comoção" - capacidade de penetrar nos sentimentos dos outros; e continuou dizendo: "corremos o risco de criar uma sociedade sem qualquer comoção, na qual ninguém se preocupe com o ouro, senão consigo mesmo, ou com outra coisa que não auto-satisfaça instantâneamente.

Procuramos sexo sem amor, violência por "prazer". Estamos encorajando o entorpecimento da sensibilidade..." (On Iniquity, McMillan 1967, pp. 18 e 24).

Uma das causas da insensibilidade da nossa sociedade é a televisão, pois ela traz para os nossos lares, numa seqüência que nunca pára, cenas de violência, brutalidade e tragédia que assaltam tão poderosamente nossas emoções de maneira tal que não conseguimos suportar. Fazemos, então, duas coisas: ou nos levantamos e desligamos o aparelho, ou fazemos pior: permitimos que a imagem continue a brilhar na tela, mas desligamos o nosso interior do que está sendo mostrado.

Continuamos assistindo, mas sem nos envolver emocionalmente.

Talvez eu possa dar um exemplo pessoal, desta vez não a respeito da televisão, mas de um concerto da peça “O Messias”, de Handel, no Royal Albert Hall. Quando o concerto atingiu seu clímax com o coro Aleluia, com a afirmações majestosas de que “o Senhor Deus onipotente reina... Rei dos reis e Senhor dos senhores” e com o “Amém “final, confesso que fiquei profundamente comovido. Quando os músicos pararam, a audiência explodiu num estrondo de aplausos, que foi uma maneira perfeitamente apropriada de expressar sua apreciação pelo maestro, coro, orquestra e solistas. Mas, então, à medida que os aplausos se extinguiam, todos começaram a pegar seus chapéus e casacos, a rir, a conversar e a empurrarem-se ao se dirigirem para as portas de saída.

Será presunção minha dizer que eu não podia mover-me? Eu tinha sido transportado para o Céu, para a eternidade, para a presença do próprio grande Rei. Não foi suficiente para mim aplaudir os músicos; eu quis curvar a cabeça e adorar a Deus. Sou eu estranho ao reagir com tão profunda emoção religiosa? Ou será que estou certo ao perguntar o que estão as pessoas fazendo com suas emoções a ponto de ouvir um concerto ou ir a um culto e permanecer insensíveis? Eu não estou questionando por emocionalismo, pois é uma exibição artificial, uma pretensão espúria. Mas emoções, sentimentos genuínos surgidos legitimamente que devem ser expressados, e não sufocados.

Qual, então, a verdadeira relação entre o intelecto e a emoção?

Muhammed Iqbal, o jurisconsulto e poeta, que se tornou presidente da Liga Muçulmana, que preparou o caminho para um Paquistão independente e que trabalhou por um novo entendimento entre o Oriente e o Ocidente, escreveu em um dos seus poemas:

“No Ocidente, intelectos é a fonte da vida.

No Oriente, amor é a base da vida.”

Através do amor, intelecto cresce familiarizado com a realidade.

“Intelecto dá estabilidade ao trabalho do amor.

Levantai e lançai os fundamentos de um novo mundo.

Enlaçando intelecto ao amor”.

Isto está perfeitamente certo. Porém, o intelecto não é prerrogativa do Ocidente, nem o amor (ou emoção), do Oriente. Algumas nações ou raças podem verdadeiramente ter mais de intelecto e outras mais de emoção, mas intelecto e emoção não podem estar restritos a alguns temperamentos ou algumas culturas, pois ambos são parte de toda a humanidade que Deus criou. Ambos - intelecto e emoção - pertencem à autêntica experiência humana.

Em particular, nada coloca o coração tão em fogo como a verdade.

A verdade não é fria e seca. Pelo contrário, é cheia de calor e paixão, e em qualquer que seja o momento em que novas perspectivas da verdade de Deus surgem diante de nós, não podemos ser apenas contemplativos.

Somos movidos a responder, seja em penitência, ira, amor, ou adoração.

Pense nos dois discípulos a caminho de Emaús; na primeira páscoa, á tarde, quando o Senhor ressuscitado falava com eles. Quando Ele desapareceu, eles disseram um para o outro: “Porventura não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava e quando nos abria as Escrituras?”(Lc. 24:32). Eles tiveram uma experiência emocional durante toda a tarde. Por isso, descreveram a sensação que tiveram como um coração ardente. E qual foi a causa do ardor espiritual? Foi Cristo, abrindo-lhes as Escrituras!

É o mesmo hoje. Sempre que lemos as Escrituras e

Cristo as abre para nós, para que captemos verdades novas, nossos corações devem arder dentro de nós. Como F.W. Faber disse: "Teologia profunda é a melhor lenha para a devoção, pega fogo, que é uma beleza e, uma vez acesa, queima por muito tempo"(citado por Ralph G. Turnbull, em A Minister's Obstacles, 1946, Baker 1972, p. 97).

Esta combinação verdadeira de intelecto e emoção deveria ser visível, tanto na pregação como na compreensão da Palavra de Deus.

Ninguém expressou isto melhor do que o Dr. Martyn Lloyd Jones, que bem define o que é pregação: "Lógica em fogo! Razão eloqüente! São contradições? ?Claro que não! Razão acerca da verdade tem de ser poderosamente eloqüente, como você pode verificar no caso do apóstolo Paulo e de outros. É teologia em fogo. E uma teologia que não traz fogo (eu afirmo), é uma teologia defeituosa. Pregação é teologia vinda através de um homem em fogo" (Preaching and Preachers, Hodder & Stoughton 1971, p. 97).

TRADIÇÃO E LIBERDADE

A Segunda polarização desnecessária na igreja contemporânea refere-se a "conservadores" e "radicais". Devemos começar pela definição dos termos. Por "conservador" estamo-nos referindo às pessoas que estão determinadas a conservar ou preservar o passado e são, por isso, resistentes a mudanças. Por "radical" referimo-nos às pessoas que estão em rebelião contra o que é herdado do passado e estão, por isso, fazendo agitações por mudanças.

Deixai-me, agora, definir mais precisamente em que sentido cada crente deveria ser um conservador e um radical, ao mesmo tempo: Cada crente deveria ser conservador porque toda a Igreja é chamada por Deus para conservar sua revelação, para "guardar o depósito" (I Tm. 6:20; II Tm 1:14), para "batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos", Jd 3. A tarefa da Igreja não é continuar inventando novos evangelhos, novas teologias, novas moralidades e novos cristianismos, mas, antes, ser uma

guardiã fiel do único Evangelho eterno, pois a auto-revelação de Deus alcançou sua consumação no seu Filho Jesus Cristo e no testemunho apostólico de Cristo, preservado no Novo Testamento. Isto não pode ser alterado de forma alguma: É imutável em verdade e autoridade.

Os quatro autores do livro “Growing into Union” (Crescendo em União) expressaram este ponto com vigor: “A primeira tarefa da Igreja é manter as boas-novas intactas. É melhor falar do hábito mental que esta vocação requer como “conservacionista” do que como “conservador”, pois a Segunda palavra pode facilmente sugerir uma tendência antiquária: por ser antigo, por ser velho, e uma resistência cega ao pensamento novo, e não é absolutamente a respeito disso que estamos falando.

Antiquarianismo e obscurantismo são vícios da mente cristã, mas conservadorismo está entre as suas virtudes” (SPCK 1970, p. 103).

Alguns crentes, contudo, não limitam o conservantismo deles à teologia bíblica que professam. O fato é que são conservadores por natureza. Eles são conservadores na política e na perspectiva social, no estilo de vida, no estilo de vestir, no estilo de cortar o cabelo, no estilo da barba, em qualquer outro tipo de estilo que se mencione.

Não estão apenas atolados na lama, a lama deles endureceu como concreto. Mudança de qualquer tipo é anátema para eles. São como o duque inglês, o qual teria dito durante seus dias de estudante na Universidade de Cambridge: “Qualquer mudança , em qualquer tempo e por qualquer razão, deve ser deplorada!” O slogan favorito é: “Como foi no princípio, é agora e será para sempre. Amém!”

Um “radical”, por outro lado, é alguém que faz perguntas grosseiras sobre as tradições estabelecidas. Ele não considera qualquer tradição, qualquer convenção e qualquer instituição (ainda que antiga) como sendo sacrossanta. Ele não reverencia “vaca sagrada” alguma. Pelo contrário, está preparado para submeter qualquer coisa herdada do passado ao escrutínio crítico. E seu escrutínio geralmente leva-o a querer reformas, até mesmo revolução

(embora, sendo um crente, opte pela não-violência).

Um radical reconhece a rapidez com que a cena do mundo está mudando hoje. Ele não se sente ameaçado por isto, nem é seu primeiro instinto comportar-se como o rei Canute e tentar prender a mudança da maré crescente. Alvin Toffer define "choque do futuro", a expressão que ele inventou, como paralelo a "choque cultural", nestes termos: "choque do futuro é a desorientação vertiginosa produzida pela chegada prematura do futuro. Pode bem ser a mais importante moléstia de amanhã..." (p.19). Mas o radical não fica chocado com isto. Sabendo que mudanças são inevitáveis, ele dá-lhes as boas-vindas e se ajusta para a chegada de qualquer mudança. E até mesmo a inicia.

Parece então à primeira vista, que conservadores e radicais estão em oposição e que não podemos fazer outra coisa senão polarizar nesta questão. Mas não é bem assim. Não é bem entendido que nosso Senhor Jesus Cristo foi conciliatoriamente um conservador e um radical, embora em esferas diferentes. Não existe a menor dúvida de que ele foi um conservador em sua atitude para com as Escrituras. As Escrituras não podem ser anuladas, "nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido", (Jo. 10:17; Mt. 5:17,18). Uma das principais queixas de Jesus contra os líderes judeus da sua época referia-se ao desrespeito por parte deles pelas Escrituras do Velho Testamento e à falta de uma verdadeira submissão à sua autoridade divina.

Mas Jesus pode também ser verdadeiramente descrito como um radical. Ele foi um crítico mordaz e destemido do tradicionalismo judeu, não somente devido à insuficiente lealdade que havia para com a Palavra de Deus, mas, também, devido à lealdade exagerada às próprias tradições humanas. Jesus teve a temeridade de lançar fora séculos de tradições que tinham sido herdadas, "as tradições dos anciãos", para que a Palavra de Deus pudesse ser apreciada e novamente obedecida. (Mc. 7:1-13). Ele foi, também, muito ousado nas violações das convenções sociais. Insistiu em preocupar-se com todas as áreas da comunidade que eram normalmente menosprezadas: falou com mulheres em público, o que não era aceito nos seus dias, convidou

crianças para que viessem a Ele, embora na sociedade romana crianças rejeitadas fossem geralmente “abandonadas” ou deixadas ao relento, o que levou os discípulos a acharem que ele não gostaria de ser incomodado por elas. Ele permitiu que prostitutas o tocassem (os fariseus afastavam-se delas horrorizados) e Ele mesmo, na realidade, tocou num leproso intocável (os fariseus apedrejavam-nos para que fossem mantidos à distância). Destas e de outras maneiras, Jesus recusou-se a ser preso por costumes humanos: sua mente e consciência estavam presas unicamente à Palavra de Deus.

Por conseguinte, Jesus foi uma combinação única do conservador e do radical: conservador em relação às Escrituras, e radical no eu escrutínio (seu escrutínio bíblico) de todas as outras coisas.

Ora, o discípulo não está acima do seu mestre, como Jesus freqüentemente dizia. Portanto, se Jesus pode combinar conservadorismo e radicalismo, assim podemos nós, que afirmamos segui-lo. Verdadeiramente, devemos fazê-lo, se formos leais a Ele. Há uma necessidade urgente para que mais “C Rs “surgem na Igreja; agora, não mais representando as iniciais para católicos romanos, mas para conservadores radicais. É uma necessidade que cristãos evangélicos desenvolvam um discernimento mais crítico entre o que não é possível ser modificado e o que pode, e mesmo deve ser.

Deixai-me dar um exemplo do que não é possível ser modificado:

Era costume, nos dias passados, ter o Pai Nosso, os Dez Mandamentos e o Credo dos Apóstolos pintados na parede leste de muitas igrejas inglesas, para ser visto e lido por todos. Na igreja de uma vila, as letras tinham ficado desbotadas e um pintor desenhista foi contratado para retocá-las. Na ocasião oportuna (assim a estória é contada), o conselho da igreja ficou alarmado com a conta que lhe foi apresentada.

Acontecendo isso antes da implantação do sistema decimal, a conta foi lida como segue:

Pela reparação do Pai Nosso 10 s.

Pelos três Mandamentos novos 12s.

Por ter feito um Credo completamente novo 17s 6d.

Por outro lado, embora tenhamos autoridade para alterar o Credo ou os Mandamentos que Deus tem revelado, todavia (como Leighton Ford disse corretamente, em 1959, no Congresso Americano sobre Evangelismo, em Minneápolis) “Deus não está preso ao inglês do século dezessete, nem aos hinos do século dezoito, nem á arquitetura do século dezenove, nem aos clichês do século vinte”, nem (alguém pode adicionar) a muitas outras coisas. Embora Ele mesmo nunca mude, nem tampouco sua revelação, Ele é, também, o Deus que age, chamando sempre o seu povo para empreendimentos novos e venturosos.

Mais particularmente, todos nós necessitamos discernir com clareza entre Escrituras e cultura. As Escrituras são a Palavra de Deus eterna e imutável, mas cultura é uma mistura de tradição eclesiástica, convenção social e criatividade artística. Seja qual for a “autoridade” que a cultura possa ter, ela é derivada da Igreja e da comunidade, não podendo exigir uma imunidade ao cristianismo ou reforma. Pelo contrário, cultura muda de época para época e de lugar para lugar. Além do mais, nós crentes, que dizemos desejar viver sob a autoridade da Palavra de Deus, deveríamos submeter nossa cultura contemporânea a um contínuo escrutínio bíblico. Longe de ressentirmo-nos com a mudança cultural ou de resistirmos a ela, deveríamos estar na linha de frente, junto aqueles que trabalham por uma modificação progressiva, para fazer com que a mudança realmente expresse, cada vez mais, a dignidade do homem e seja mais agradável ao Deus que os criou. Numa recente visita aos Estados Unidos, fiquei impressionado com um grupo de estudantes que encontrei em Trinity Evangelical Divinity Shooll, em Deerfield, llinois. Eles pertenciam aos mais diversos grupos, mas achavam-se unidos no compromisso para com o cristianismo bíblico, no desencanto com muito do cristianismo americano contemporâneo e na determinação de descobrir uma aplicação radical do cristianismo bíblico aos grandes assuntos do dia. De modo

que eles se reuniam num grupo de estudo e oração, do qual surgiu a coligação Cristã do Povo (The People's Christian Coalition), cujo órgão oficial é o "The Post-American". O primeiro número publicado em fevereiro de 1971 tinha uma representação do Senhor Jesus na primeira folha, coroado com espinhos, manietado e envolto com as estrelas e listas da bandeira americana. Muitos pensaram que o retrato fazia paralelo com a blasfêmia. Mas eu não compartilhei com a mesma reação. Pelo contrário, achei que foi uma expressão genuína que eles tinham pela honra de Cristo. Jim Wallis publicou no seu editorial: "A ofensa da religião estabelecida é a proclamação e a prática de uma caricatura de cristianismo inculturado, domesticado e sem vida, que nossa geração fácil e naturalmente rejeita. Nós achamos que a igreja americana está cativa dos valores e estilo de vida da nossa cultura. O cativeiro da igreja americana tem resultado na desastrosa equação: a maneira americana de vida somada à maneira cristã de vida".

Exatamente o mesmo poderia ser dito da expressão cultural do cristianismo em outras partes do mundo. Este é um dos principais problemas em muitas igrejas do Terceiro Mundo, que foram estabelecidas por missões da Europa e da América do Norte, e estão agora procurando suas próprias identidades indígenas. Estas igrejas confrontam-se com dois problemas culturais. O primeiro diz respeito à cultura nativa ou tribal, talvez especialmente na África. Os líderes nacionais reconhecem que alguns costumes africanos tradicionais refletem a origem pagã e são incompatíveis com a fé, amor e justiça cristã. O segundo problema diz respeito à cultura estrangeira (seja européia ou americana) que, muito freqüentemente, foi importada para o Terceiro Mundo com o Evangelho. É, em parte, porque esta invasão cultural tem parecido para muitos como uma afronta à própria dignidade nacional, é que muitos deles chegaram ao "fora com a religião do homem branco". Naturalmente, o clamor está errado. Cristianismo não pertence ao homem branco e, nem tampouco, a qualquer outro grupo de homens. Jesus Cristo é Senhor de todas as raças, países e épocas, sem qualquer discriminação. Contudo, é certo para os africanos, asiáticos e latinos americanos procurar desenvolver suas próprias

expressões indígenas da verdade cristã. Nesse sentido, o Dr. René Padilha fez um apelo eloqüente no Congresso Internacional sobre Evangelização Mundial, em Lausanne, em julho de 1974, quando atacou o que chamou de “cristianismo cultural”.

Por conseguinte, líderes cristãos de igrejas jovens necessitam de grande sabedoria para discernir não apenas entre cultura nacional e cultura importada, mas, também, entre o que em ambas as culturas é honrável a Cristo e o que não é; o que tem valor e o que não tem. Eles precisam, também, coragem para reter uma coisa e rejeitar a outra.

O cristianismo europeu cujas raízes alcançam, aproximadamente, 2000 anos, está, também, profundamente enraizado na cultura dos séculos. Não é sem sentido que podemos falar sobre luteranismo, anglicanismo, presbiterianismo, metodismo e, mesmo, irmanismo. Cada um deles é uma forma tradicional ou cultural do cristianismo histórico que colore não somente nossos formulários doutrinários, mas nossa liturgia (ou falta de liturgia) e música; o formato e a decoração dos nossos templos, nossos métodos pastorais e evangelísticos, e tudo o que fazemos como igreja. Tudo isto deve ser submetido à investigação bíblica regular e crítica.

Portanto, quando resistimos a mudanças - sejam elas na igreja ou na sociedade devemos perguntar-nos se são, na realidade, as Escrituras que estamos defendendo (como é nosso costume insistir ardorosamente) ou, se ao contrário, é alguma tradição apreciada pelos anciãos eclesiásticos ou de nossa herança cultural. Isto não quer dizer que todas as tradições, simplesmente por serem tradicionais, devam a qualquer custo ser lançadas fora. Iconoclasmo sem crítica é tão estúpido quanto conservantismo em crítica, e é algumas vezes mais perigoso. O que eu estou enfatizando é que nenhuma tradição pode ser investida com uma espécie de imunidade diplomática à examinação. Nenhum privilégio especial pode ser-lhe reivindicado.

Quando, por outro lado, clamamos por mudanças, devemos estar certos de que não é contra as Escrituras que estamos nos rebelando, mas contra alguma tradição não-

bíblica, que é portanto, aberta à reforma.

Se é "não-bíblica" no sentido de ser claramente contrária às Escrituras, então devemos atacar o assunto corajosamente e trabalhar muito para sua abolição. Se é "não- bíblica" no sentido de não ser requerida pelas Escrituras, então devemos mantê-la sob revisão crítica.

Mas freqüentemente do que a maioria de nós sabe ou procura admitir, nós revestimos nossas idéias e costumes culturais com uma autoridade, verdade e imutabilidade que somente pertencem às Escrituras. Mas são parte da nossa segurança. Quando são ameaçados, nós nos sentimos ameaçados também. Assim, evitamos qualquer risco e lutamos vigorosamente para defender essas coisas, às quais nos agarramos.

Outras vezes, nós nos posicionamos por demais fracamente em relação às Escrituras e tratamos a Palavra de Deus como se pudéssemos colocá-la de lado tão facilmente quanto o fazemos com as opiniões e tradições humanas. Por conseguinte, provamos que somos cristãos mundanos, que têm a tal ponto absorvido a onda antiautoritária do mundo que nem mesmo estamos preparados para viver sob a autoridade de Deus e de Sua Palavra, pela qual ele governa o seu povo.

Os crentes contemporâneos são chamados para andar nesta corda apertada. Nós não devemos resistir às mudanças totais. Além disso, mesmo em questões abertas à mudança, devido à liberdade dada pelas Escrituras, não devemos ser inconoclastas. Crentes que crêem no deus da história e na atividade do Espírito Santo no decorrer da história da Igreja, não podem deleitar-se com mudanças, simplesmente por mudar. Algumas vezes, como Jesus disse, "melhor é o velho " (Lc. 5:39), porque tem agüentado a prova do tempo. Devemos, também, ser sensíveis ao conservantismo dos crentes de gerações mais antigas; eles não puderam adaptar-se com facilidade a mudanças, mas foram mais facilmente feridos e perturbados por isso. Somos chamados para um sábio discernimento; instruídos por uma perspectiva bíblica, para que sejamos apreciadores do legado do passado e responsáveis pela disposição do presente. Somente então

poderemos aplicar para toda a cultura (na Igreja e na sociedade) um cristianismo bíblico radical e procurar o que nós cremos que poderia ser mudado para melhor, sob a orientação de Deus.

Os nossos reformadores da igreja da Inglaterra do século dezesseis entenderam bem este princípio, pelo menos na sua aplicação à reforma eclesiástica. Na pequena impressão do Livro de Oração comum há um prefácio intitulado “Das Cerimônias”, que explica porque algumas são abolidas e outras retidas. Isto foi incluído no primeiro Livro de Oração reformado de 1549, que foi provavelmente composto pelo próprio arcebispo Crammer. Ele considera que, “neste nosso tempo, as mentes dos homens são tão diferentes que alguns pensam que é um grande problema de consciência abandonar, por menor que seja, as cerimônias, pois eles estão presos aos costumes antigos, mas, por outro lado, alguns são tão modernos que inovariam todas as coisas e, assim, desprezariam as antigas, de maneira que somente o que é novo lhes é favorável’. Similarmente ao prefácio, que explica os princípios que regeram a revisão do “Livro de Oração” em 1662, começa: “Tem sido sábia por parte da igreja da Inglaterra, desde a primeira compilação da Liturgia Pública, manter um equilíbrio entre os dois extremos, de rigidez demasiada em recusar, e de facilidade demasiada em admitir, qualquer alteração disto. “Possa Deus dar-nos esta mesma sabedoria hoje e, também, dar-nos a coragem de aplicá-la não somente para os assuntos eclesiásticos, mas também nos assuntos sociais, éticos e políticos!

Talvez eu poderia expressar-me em termos biológicos para dizer que nós necessitamos de moscas varejistas cristãs para aferroar-nos e impelir-nos a agir em busca de mudanças e, também de cães de guarda cristãos que latirão, alta e longamente, se mostramos qualquer sinal de comprometimento da verdade bíblica. Nenhum dos dois, moscas varejistas e cães de guarda, são companhias fáceis de se conviver com eles, nem tampouco acham eles a companhia um do outro compatível. Contudo, as moscas varejistas não devem picar os cães de guarda, nem devem os cães de guarda comer as moscas varejistas. Eles devem aprender a coexistir na Igreja de Deus e a executarem seus

papéis ao concentrar a atenção em nós, a maioria do povo de Deus, que, desesperadamente, necessitamos do ministério de ambos.

Tendo advertido sobre os perigos de mudanças demasiadas ou de nenhuma, concluo este capítulo dizendo que o perigo maior (pelo menos entre os evangélicos) é confundir cultura com Escrituras, ser conservador e tradicionalista demais, estar cego a todas as coisas, na Igreja e na sociedade, que desagradam a Deus e que deveriam, portanto, desagradar-nos, ter os pés enterrados no status quo e resistir firmemente à mais desconfortável de todas as experiências: MUDANÇAS.

EVANGELISMO E AÇÃO SOCIAL

Eu mudo, agora, da polarização entre o conservador e o radical, para a do estruturado e o não-estruturado. As estruturas seculares estão desmoronando em todos os lugares. Há uma rebelião mundial contra formas institucionais rígidas e um sentimento universal à procura de liberdade e flexibilidade. A igreja cristã, considerada em muitas parte do mundo como uma das principais estruturas do tradicionalismo, não pode escapar a este desafio de nossos tempos. Além disso, o desafio vem tanto de dentro como de fora. Muitos jovens crentes estão requerendo um novo e não-estruturado tipo de cristianismo, despojado dos obstáculos eclesiásticos que tem sido herdados do passado.

Permita-me classificar as três expressões principais desta onda.

Referem-se à igreja e seu ministério, à direção de cultos públicos, e ao relacionamento com os outros crentes. É perigoso generalizar.

Todavia, alguém pode dizer, em primeiro lugar, que muitos estão procurando igrejas que não tenham cerimônia fixa. Grupos de crentes estão, agora, libertando-se em muitas partes do mundo, libertando-se da tradição e fazendo as coisas à sua maneira.

Em segundo lugar, há um desejo por cultos informais, nos quais o ministro não mais domina, mas onde a participação da congregação é incentivada, onde o órgão é substituído pelo violão e uma liturgia antiga, pela linguagem de hoje, onde há mais liberdade e menos formalidade, mais espontaneidade e menos rigidez.

Em terceiro lugar, há uma rejeição de denominacionalismo e uma nova ênfase bastante corrente em cortar os laços que os prendem ao passado e mesmo a outras igrejas do presente. Eles querem chamar-se “crentes” mas sem qualquer rótulo denominacional.

Sem dúvida, estas três exigências tem alguma lógica. Elas são fortemente sentidas e poderosamente manifestadas. Não podemos simplesmente considerá-las como irresponsabilidades loucas do jovem. Há uma ampla busca para o livre , o flexível, o espontâneo, o não-estruturado. A geração dos crentes mais velhos e tradicionais precisa entender isso, ser solidária e acompanhar, na medida do possível, o que está acontecendo. Todos nós concordamos em que o Espírito Santo pode ser (e às vezes tem sido) aprisionado em nossas estruturas e sufocado por nossas formalidades. Contudo, há algo a ser dito em relação ao outro extremo. Liberdade não é sinônimo de anarquia.

Que argumento pode ser apresentado, então, em favor de alguns tipos de cerimônias e estruturas?

Primeiro: **uma igreja estruturada**. Os crentes pertencem a diferentes origens denominacionais e apreciam tradições diferentes.

Contudo, a maioria (talvez todos nós) concorda em que o Fundador da Igreja tencionou que ela tivesse uma estrutura visível.

Verdadeiramente, a Igreja tem o seu aspecto invisível, em que somente, “o Senhor conhece os que são seus”, (II Tm. 2:19). Mas não podemos refugiar-nos na doutrina da invisibilidade da Igreja verdadeira para negar que Jesus Cristo tinha em mente que seu povo fosse visto e conhecido como tal. Ele mesmo insistiu no batismo como a cerimônia

de iniciação na sua Igreja, e batismo é um ato visível e público. Ele também instituiu sua ceia como a refeição da comunhão cristã, pela qual a Igreja identifica a si mesma e exercita disciplina sobre os membros.

Além disto, Ele consagrou pastores para alimentar o seu rebanho.

Portanto, sempre que você tiver batismo, a ceia do Senhor e um pastorado, ou, em termos tradicionais, um ministério e ordenanças, você tem estrutura. Pode ser que seja mais simples e mais flexível do que em muitas denominações históricas, mas continua uma estrutura clara e definida. De mais a mais, seu valor pode ser fortemente discutido em termos de Ter-se um ministério e ordenanças que sejam reciprocamente reconhecidos pelas diferentes igrejas.

Segundo: **adoração formal.** Em particular, sou completamente a favor da adoração espontânea, exuberante, alegre e barulhenta do jovem, ainda que, algumas vezes, possa ser doloroso, como experimentei uma vez, em Beirute, quando o meu ouvido direito estava a apenas algumas polegadas do trombone. Alguns de nossos cultos são por demais formais, sérios e maçantes. Ao mesmo tempo, em algumas reuniões modernas, a quase total noção de reverência perturba-me. Parece que alguns acham que a principal evidência da presença do Espírito Santo é o barulho.

Temos nos esquecido de que uma pomba é tanto um emblema do Espírito quanto o vento e o fogo? Quando Ele visita o seu povo em poder, às vezes, traz quietude, silêncio, reverência e temor. Sua voz mansa e delicada é ouvida. Homens curvam-se maravilhados diante da majestade do Deus vivo e o adoram: “O Senhor está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra!”. Eu não estou sugerindo que reverência e formalidades sigam sempre juntas, pois reuniões informais podem também ser reverentes, ao passo que cultos formais podem ter seriedade e beleza sem ter uma verdadeira reverência espiritual. Mas onde seriedade e reverência são encontradas em conjunto, a adoração oferecida é bastante agradável a Deus.

Terceiro: **um princípio de conexão**. A maioria de nós desejaria insistir em, pelo menos, um certo grau de independência para a igreja local que, em conformidade com o Novo Testamento, é uma manifestação local e visível da Igreja universal. E a igreja local (não apenas a igreja universal), é chamada o templo de Deus e o corpo de Cristo: a igreja local: (I Co. 3:16; 12:27) e a igreja universal: (Ef. 2:19-22; 4:14-16). Contudo, é possível levar este princípio da autonomia da igreja local longe demais e, virtualmente, ignorar todos os crentes do passado e do presente. Quando isto acontece, a igreja local tem-se tornado tão auto-suficiente que menospreza a Igreja de Deus no tempo e no espaço. Precisamos, portanto, lembrar-nos de certas verdades bíblicas que o povo cristão (especialmente o jovem) tende a esquecer. Estão eles interessados somente no presente? Estão eles, a geração de agora, fazendo eco ao famoso dito de Henry Ford que “história – discurso insincero”? Às vezes parece que sim. Mas, em que tipo de Deus crêem eles? Pois o Deus da Bíblia é o Deus da história, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, de Moisés e dos profetas, dos apóstolos e da Igreja apostólica, que cumpre seus propósitos através dos séculos. Se Deus é o Senhor da história, como podemos nós ignorá-la ou não nos interessar por ela? Ele é, também, o Deus de toda a igreja. A unidade da Igreja é derivada da unidade de Deus. E porque há um só Pai, há uma só família, e um só Senhor, há uma só fé, uma só esperança e um só batismo; e porque há um só Espírito, há somente um corpo: (Ef. 4:4-6). Portanto, toda a questão do relacionamento com outros crentes é controversa e complicada, e certamente as Escrituras não nos dão autoridade para procurar ou assegurar unidade sem verdade. Mas não nos dá, tampouco, autoridade para buscar a verdade sem unidade. Independência é conveniente. Mas também o é a comunhão na fé comum que professamos.

Mais uma vez meu argumento é que não polarizemos nesta questão.

Há um lugar necessário na Igreja de Cristo, tanto para o estruturado como para o não-estruturado, tanto para o formal como para o informal, tanto para o sério como para o espontâneo, tanto para a independência como para a

comunhão.

A igreja primitiva apresenta-nos um exemplo saudável neste assunto. Lemos que imediatamente depois do dia de Pentecostes, os crentes cheios do Espírito Santo estavam "unânimes todos os dias no Templo, partindo o pão em casa", (At. 2:46). Assim, eles não rejeitaram imediatamente a igreja institucional. Eles procuraram reformá-la em conformidade com o Evangelho. E eles simplesmente complementavam as reuniões formais de oração do Templo com reuniões em suas próprias casas. Parece-me que cada congregação deveria incluir no programa tanto cultos mais formais na igreja quanto reuniões informais de comunhão nos lares. Os mais antigos membros tradicionais da igreja, que amam a liturgia, precisam experimentar a liberdade do culto no lar, ao passo que os mais novos, que amam o barulho e a espontaneidade, precisam experimentar a seriedade e reverência dos cultos formais da igreja. A combinação é muito saudável!

A **Quarta** polarização desnecessária diz respeito às nossas **responsabilidades evangelísticas e sociais**. Tem sido sempre uma característica dos evangélicos ocupar-se com evangelismo. Tanto assim que não é raro encontrarmo-nos com uma confusão de termos, como se "evangélico" e "evangelístico" significassem a mesma coisa. Na nossa ênfase evangélica em evangelismo, temos compreensivelmente reagido contra o tão falado "evangelho social" que substitui salvação individual por melhoramento social e, apesar do notável testemunho da ação social dos evangélicos do século dezenove, nós mesmos temos suspeitado de qualquer envolvimento deste tipo. Ou, se temos sido ativos socialmente, temos tido a tendência de concentrar-nos nas obras de filantropia (cuidando dos acidentes de uma sociedade doente) e tomado cuidado para evitar política (as causas de uma sociedade doente).

Algumas vezes, a polarização na igreja tem parecido ser completa, com alguns exclusivamente preocupados com evangelismo e outros com ações político-sociais. Como um exemplo para o primeiro, tomarei alguns grupos do tão falado "Povo de Jesus". Ora, estou muito longe de querer ser

crítico de todo o movimento. Contudo, uma das minhas inúmeras hesitações diz respeito às comunidades de Jesus que parecem ter rejeitado a sociedade e se retirado para a comunhão individual, fazendo cultos evangelísticos ocasionais, no mundo fora da comunidade. Vernon Wishart, um ministro da Igreja Unida do Canadá, escreveu sobre o Povo de Jesus em Novembro de 1972, num artigo da revista "Observer", órgão oficial da sua igreja. Ele descreveu o movimento como "uma reação ao profundo mal-estar cultural e social" e uma tentativa para "vencer uma depressão do espírito humano" causada pela tecnocracia materialista. Mostrou-se admirador do genuíno zelo cristão por eles manifestado: "Como crentes primitivos, eles simplesmente vivem de uma maneira amorosa, estudando as Escrituras, partindo o pão juntos e compartilhando os recursos'. E ele reconheceu que o intenso relacionamento pessoal deles com Jesus, e de um para com o outro era um antídoto à despersonalização da sociedade moderna. Ao mesmo tempo, ele viu este perigo: "Voltar-se para Jesus pode ser uma tentativa desesperada de desviar- se do mundo no qual ele encarnou. Como as drogas, a religião de Jesus pode ser uma fuga de nossa tecnocultura". Nesta última frase, Vernon Wishart colocou o dedo no problema principal: Se Jesus amou o mundo de tal maneira que entrou nele através da encarnação, como podem seus seguidores proclamar que amam o mundo procurando escapar dele? Sir Frederick Catherwood escreveu: "Procurar melhorar a sociedade não é mundanismo, mas amor.

Lavar as mãos da sociedade não é amor, mas mundanismo" (Is Revolution Charnge?, editado por Brian Grifftths, IVP, 1972, p. 35).

A polarização oposta parece ter sido evidente na Assembléia da Comissão do Conselho Mundial de Igrejas sobre Missão e Evangelismo Mundial, realizada em Bangkok, em janeiro de 1973. Por ter sido intitulada "Salvação hoje", muitos tiveram a esperança de que uma definição nova de salvação surgiria, quer seria tanto fiel às Escrituras como relevante para o mundo moderno. Porém, ficamos decepcionados: Os documentos preparatórios e a própria conferência tentaram redefinir salvação em termos quase

inteiramente sociais, econômicos e políticos. É verdade que houve referências à salvação pessoal do pecado e que o propósito da convocação para uma moratória de dez anos no envio de dinheiro e pessoal missionário para as igrejas do Terceiro Mundo foi ajudá-las a tornarem-se auto- suficientes.

Contudo, a impressão geral de Bangkoki é que o labor missionário e evangelístico estão sem apoio nos círculos ecumênicos , ao passo que a missão real da igreja, segundo o Conselho Mundial de Igrejas , é identificar-se com os atuais movimentos de libertação: "Nos vemos as lutas por justiça econômica, liberdade política e renovação cultural como os elementos da libertação total do mundo, através da missão de Deus "(Bangkok Assembly 1973, p. 89).

Destes dois extremos, a falha característica dos evangélicos encontra-se mais na primeira que na Segunda polarização. Nós certamente não estamos confundindo justiça com salvação, mas temos freqüentemente falado e nos comportado como se pensássemos que nossa única responsabilidade cristã para com uma sociedade não convertida fosse evangelismo, a proclamação das boas-novas de salvação. Nos últimos anos, contudo, tem havido bons sinais de mudança. Temos ficado desiludidos com a mentalidade da "tentativa abandonada" com a tendência de escolher não participar da responsabilidade social e com a tradicional obsessão fundamentalista da "micro-ética" (a proibição de coisas mínimas) e a negligência correspondente da "macro- ética" (os grandes problemas de raça, violência, pobreza, poluição, justiça e liberdade). Tem havido também, um recente reconhecimento dos princípios bíblicos para a ação social cristã, tanto teológica quanto ética.

Teologicamente, tem havido um redescobrimento da doutrina da criação. Tendemos a ter uma boa doutrina da redenção e uma péssima doutrina da criação. Naturalmente, temos tido uma reverência de lábios à verdade de que Deus é o Criador de todas as coisas, mas, aparentemente, temos estado cegos para as implicações disto. Nosso Deus tem sido por demais "religioso", como se o seu principal interesse fosse cultos de adoração e oração freqüentados por membros de igrejas. Não me entenda mal: Deus tem prazer nas orações e

louvores do seu povo. Mas, agora, começamos a vê- lo, também (como a Bíblia sempre o retratou), como o Criador, que está interessado tanto pelo mundo secular quanto pela Igreja, que ama a todos os homens e não somente os crentes, e que tem interesse na vida como um todo, e não meramente na religião.

Eticamente, há um redescobrimento da responsabilidade do amor pelo próximo, que é o seguinte mandamento: "Amar nosso próximo como amamos a nós mesmos". O que isto significa na prática será determinado pela definição das Escrituras sobre "o nosso próximo". O nosso próximo é uma pessoa, um ser humano, criado por Deus. E Deus não o criou como uma alma sem corpo (para que pudéssemos amar somente sua alma), nem como um corpo sem alma (para que pudéssemos preocupar-nos exclusivamente com seu bem-estar físico), em tampouco um corpo-alma em isolamento (para que pudéssemos preocupar-nos com ele somente como um indivíduo, sem nos preocupar com a sociedade em que ele vive). Não!

Deus fez o homem um ser espiritual, físico e social. Como ser humano, o nosso próximo pode ser definido como "um corpo-alma em sociedade".

Portanto, a obrigação de amar o nosso próximo nunca pode ser reduzida para somente uma parte dele. Se amamos nosso próximo como Deus criou (o que é mandamento para nós), então, inevitavelmente, estaremos preocupados com o seu bem-estar total, e bem-estar do seu corpo, da sua alma e da sua sociedade. Martin Luther King expressou isto muito bem:

"Religião trata tanto com o Céu como com a terra... Qualquer religião que professar estar preocupada com as almas dos homens e não está preocupada com a pobreza que os predestina à morte, com as condições econômicas que os estrangula e com as condições sociais que os tornam paralíticos, é uma religião seca como poeira" (My life wih Martin Luther King Jr. Por Coretta King, Hodder 1970, p. 127). Eu acho que deveríamos adicionar que "uma religião seca como poeira", é na realidade, uma religião falsa.

É verdade que o Senhor Jesus ressurrecto deixou a Grande Comissão para a sua Igreja: pregar, evangelizar e fazer discípulos. E esta comissão é ainda a obrigação da Igreja. Mas a comissão não invalida o mandamento, como se "amarás o teu próximo" tivesse sido substituído por "pregarás o Evangelho". Nem tampouco reinterpretar amor ao próximo em termos exclusivamente evangelísticos. Ao contrário, enriquece o mandamento amar o nosso próximo, ao adicionar uma dimensão nova e cristã, nomeadamente a responsabilidade de fazer Cristo conhecido para esse nosso próximo.

Ao rogar que deveríamos evitar a escolha mais do que ingênua entre evangelismo e ação social, eu não estou supondo que cada crente deva estar igualmente envolvido em ambos. Isto seria impossível. Além disso, devemos reconhecer que Deus chama pessoas diferentes e as dota com dons apropriados à sua chamada. Certamente cada crente tem a responsabilidade de amar e servir o próximo à medida que as oportunidades se manifestam, mas isto não o inibirá de concentrar-se - conforme sua vocação e dons - em alguma incumbência particular, seja alimentando o pobre, assistindo ao enfermo, dando testemunho pessoal, evangelizando no lar, participando na política local ou nacional, no serviço comunitário, nas relações raciais, no ensino ou em outras boas obras.

Embora cada crente, individualmente, deva descobrir como Deus o tem chamado e dotado, aventuro-me a sugerir que a igreja evangélica local, como um todo, deve preocupar-se com a comunidade secular local como um todo. Uma vez que isto seja aceito, em princípio. Crentes individuais, que compartilham as mesmas preocupações, seriam incentivados a juntar-se em "grupos de ação e estudo". Não para ação sem estudo prévio, nem para estudo sem ação conseqüente, mas para ambos. Tais grupos, com responsabilidade, considerariam em oração um problema particular, com a intenção de agir atacando o problema. Um grupo poderia estar preocupado com o evangelismo num novo conjunto habitacional, no qual (até onde é conhecido) não mora nenhum crente, ou com uma seção particular da comunidade local - uma república para estudantes, uma prisão,

estudantes recém-formados etc. Um outro grupo poderia dedicar-se aos problemas dos imigrantes e das relações raciais, de uma favela de área e de habitações deficientes, de um asilo para velhos desamparados ou de um hospital; de pessoas idosas que têm pensão, mas se sentem sós, de uma clínica local de aborto, ou de uma casa de prostituição. A possível lista é quase interminável. Mas se os membros de uma congregação local fossem compartilhar as responsabilidades evangelísticas e sociais da igreja em conformidade com seus interesses, chamadas e dons, muito trabalho construtivo poderia certamente ser feito na comunidade.

Eu não conheço qualquer outra declaração de nossa dupla responsabilidade cristã, social e evangelística, melhor do que aquela feita pelo Dr. W.A . Visser: "Eu creio", disse ele, "que com respeito à grande tensão entre a interpretação vertical do Evangelho como essencialmente preocupada com o ato da salvação de Deus na vida dos indivíduos e a interpretação horizontal disto, como principalmente preocupada com as relações humanas no mundo, devo fugir daquele movimento oscilatório mais do que primitivo de ir de um extremo para o ouro. Um cristianismo que tem perdido sua dimensão vertical tem perdido seu sal e é, não somente insípido em si mesmo, mas sem qualquer valor para o mundo.

Mas um cristianismo que usaria a preocupação vertical como um meio para escapar de sua responsabilidade pela vida comum do homem é uma negação do amor de Deus pelo mundo, manifestado em Cristo. Deve tornar-se claro que membros de igreja que de fato negam suas responsabilidades com o necessitado em qualquer parte do mundo são tão culpados de heresias quanto todos os que negam este ou aquele artigo da Fé". O meu argumento neste livreto tem sido a favor de um cristianismo bíblico equilibrado, no qual se evitam as polaridades comuns do mundo cristão - e especialmente do mundo evangélico.

Precisamos enfatizar, tanto o intelecto como o emocional, lembrando que nada coloca o coração em fogo como a verdade; tanto o conservador como o radical,

resolvido a conservar as Escrituras, mas a avaliar a cultura em conformidade com a Bíblia; tanto o estruturado como o não-estruturado, pois um pode completar o outro; e tanto o evangelístico como o social, pois nenhum deles pode ser um substituto, uma capa ou uma desculpa para o outro, desde que cada um sustente a si próprio como uma expressão, para o qual Deus, o Senhor, ainda chama o seu povo. Em pelo menos nestas quatro áreas (que não são as únicas), temos uma boa autoridade bíblica para substituir um excessivo e ingênuo "um-ou" por um maduro "ambos-e". Coloquemos, pois, nossos pés com confiança nos dois pólos, simultaneamente. Não nos permitamos polarizar!

***

Esta obra foi digitalizada com base na legislação abaixo, para uso exclusivo de deficientes visuais. Distribuição gratuita.
Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, sobre "Direitos autorais. Alteração, atualização e consolidação da legislação".
TITULO III - Dos direitos do autor.
Capitulo IV - Das limitações aos direitos autorais.
Art. 46 - Não constitui ofensa aos direitos autorais:
I - A reprodução:
d) De obras literárias, artísticas ou cientificas, para uso exclusivo de deficientes visuais, sempre que a reprodução, sem fins comerciais, seja feita mediante o sistema BRAILLE ou outro procedimento em qualquer suporte para esses destinatários;

***